

Obra *Atenea*, feita no México em 2009, e parte da série *Mulheres Fantásticas*

ESPECIAL
MULHERES



Fotos: Flor Garduño

AS SUTILEZAS NA ARTE DE **Flor Garduño**

A fotógrafa mexicana, que foi aprendiz de Alvarez Bravo, é uma das grandes atrações do Paraty em Foco 2018. Saiba mais sobre ela



Na foto *Tortuga Azul*, também parte de *Mulheres Fantásticas*, Garduño une humano e animal

POR JUAN ESTEVES

Uma das atrações internacionais confirmadas para o Paraty em Foco 2018, Flor Garduño está no cânone da fotografia latino-americana ao lado dos consagrados Manuel Alvarez Bravo (1902-2002), Graciela Iturbide e Pedro Meyer, outros expoentes do México. Nascida em 1957 na capital mexicana, logo cedo se mudou com a família para um lugar nas proximidades, iniciando um contato duradouro com a natureza que resultou na densa produção de fonte vernacular tanto em sua índole conceitual quanto em seu desenvolvimento gráfico, sustentado por um belo equilíbrio tonal e trafegando por meios que vão do nu ao *still life*, do autoral ao *fine art*.

Estudante de Artes Visuais em 1976 na Antigua Academia de San Carlos, escola fundada em 1781 na Cidade do México, começou uma busca por aspectos estruturais de forma e espaço, mais precisamente seguindo os ensinamentos de sua professora, Kati Horna (1912-2000), fotógrafa húngara. É fato que Garduño traz a influência seminal desse relacionamento com Horna, cuja bagagem misturava o dramaturgo alemão Bertolt Brecht com a escola alemã Bauhaus, passando por Paris e pela guerra civil espanhola até chegar ao exílio mexicano, quando fugiu dos nazistas – além disso foi influenciada pela proximidade com artistas essenciais como a pintora e escultora inglesa Leonora Carrington (1917-

2011) e a pintora espanhola Remedios Varo (1908-1963), duas artistas que viveram na capital mexicana.

Em 1979, aos 22 anos, Garduño interrompeu os estudos para ser assistente de Alvarez Bravo. Numa entrevista ao *The New York Times*, ela disse que “foi como estudar pintura com Pablo Picasso, e, por dois anos, ele me ensinou não apenas habilidades técnicas, mas o intangível necessário para se tornar um artista sério, como disciplina, persistência e como ser um crítico do meu próprio trabalho”.

Ela deixou o mestre mexicano para trabalhar na Secretaria de Educação de Comunidades Indígenas, então dirigida pela fotógrafa Mariana Yampolsky. Passou a visitar áreas rurais remotas e a conhecer um lado de